

A máscara do Palhaço nas Manifestações Populares Brasileiras

Ivanildo Piccoli,

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Circo, cultura popular, palhaço.

Este estudo partiu da análise de manifestações populares brasileiras que possuem em seu contexto uma ou mais personagens cômicas que tenham a semelhança com as características da linguagem da máscara do palhaço tradicional de circo.

Pesquisadores de cultura popular, folcloristas e antropólogos muito já se debruçaram sobre estas manifestações populares com intuito de registro, análises e comparações, mas muito pouco material é encontrado no tocante ao relacionamento destas com as artes cênicas.

Na cultura popular estas personagens cômicas aparecem na forma de brincantes que executam as personagens de cômicas de Mateus, Catirinas, Bastiões (pertencentes aos Bumba-meu-boi, Cavalão-Marinheiro etc.); nos palhaços, velhos e marombos presentes nos Reisados, Pastoril Profano; nas personagens mascaradas das Congadas, Zambiaponga, Ursos, Papangus, Carnavais populares entre outros.

Estas máscaras populares cômicas surgem de uma origem ritualística e da preservação das manifestações humanas, e têm como objetivos a expressão do riso, da transgressão, do deboche e da diversão intrínsecas nestas apresentações, mesmo que tenham características ligadas ao religioso.

A máscara cômica do palhaço

(...) tem um único objetivo: buscar o riso da platéia. Para tanto, faz uso de um figurino próprio e característico, de uma máscara/maquiagem e das expressões corporais e vocais, a junção destes elementos contribui para uma boa interpretação. O recurso preferencial do palhaço é seu próprio corpo, mascarado e vestido de modo aberrante e rudimentar, visando à exploração do ridículo.

(BOLOGNESI, 2003, p.174)

As relações existentes entre os brincantes populares com a máscara do palhaço tradicional de circo - e mesmo com os clowns de teatro - se dão pela aproximação de muitos elementos visíveis, principalmente no Pastoril Profano do nordeste brasileiro. Neste folguedo o personagem Velho é caracterizado por ser libidinoso, grotesco, que canta canções de duplo sentido junto a suas pastorinhas, as quais são assediadas por ele e defendidas pela Diana, que mantém relação de autoridade com o a Velho, corrigindo e colocando-o nos eixos.

O Velho de pastora tem muito de palhaço de circo: a indumentária colorida, folgada, uma careca e cabeleira postiças, bem como uma cara exageradamente pintada; suas piadas e chacotas com o público e as pastoras, tudo isso lembra, na verdade, um palhaço de circo. Era muito comum os velhos receberem

dinheiro para fazer uma gozação com alguém da platéia, e o faziam mesmo correndo o risco de receberem represália.

(MELLO e PEREIRA, 1990 p.30)

Podemos perceber nesta citação que o Velho do Pastoril Profano está intimamente ligado ao mundo e as formas das manifestações populares, desde o espírito das antigas festas profanas e públicas carnavalescas com suas canções, brincadeiras, jocosidade, paródia, uso de vocabulário mais grosseiro, até se tratando de atos comerciais como a venda das flores (laços ou outros objetos) das pastoras, e ainda, segundo relatos, podendo elas mesmas serem ‘vendidas’ pelo Velho. Em outros momentos, pode apenas haver a eleição ou julgamento das pastoras ou da Diana, o que nos remete imediatamente a Bakhtin em seu estudo sobre a cultura popular medieval e renascentista, na qual nos revela que:

Quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição (...) Nenhuma festa se realizava sem a intervenção dos elementos de uma organização cômica, como, por exemplo, a eleição de rainhas e reis “para rir” para o período da festividade

(BAKHTIN, 1990, p.4)

Esta aproximação inicial entre o Palhaço de circo e o Velho do Pastoril Profano pode se dar, primeiramente, no aspecto visual, onde é possível notar semelhanças marcantes. Se olharmos apenas para o personagem Velho, destituído de seu grupo de pastoras e músicos, teremos a impressão de se tratar de um Palhaço de circo, devido a sua maquiagem e indumentária desproporcional, ridícula e exagerada. Sendo assim, podemos afirmar que ambos (palhaço de circo e Velho do Pastoril Profano) fazem parte do que podemos chamar a tipificação do palhaço, no sentido de possuírem uma somatória de elementos comuns que os façam serem reconhecidos ao primeiro olhar. Esta tipificação a partir do advento da *Commedia dell'Arte* passou a ser classificada por alguns estudiosos apenas como ‘máscara’. Esta, segundo Bolognesi, “almeja unicamente o riso do público, com o exagero do corpo, dos adereços, da roupa e da maquiagem, alçados em situações dramáticas hiperbólicas. O exagero extrapola os limites do verossímil e se aloja no terreno do fantástico” (BOLOGNESI, 2003:184)

Na composição visual deste máscara destaca-se a maquiagem. O desenho da maquiagem varia, mas não foge às cores elementares do palhaço tradicional circense: branco, preto e vermelho. Tem-se registros de que os primeiros Velhos do Pastoril utilizaram a maquiagem própria dos Mateus e Bastiões do Cavalo-Marinho e do Bumba-meu-boi, ou seja, rosto pintado de preto, conseguido com carvão ralado, e alguns detalhes de vermelho ou branco. Hoje em dia já é comum encontrarmos alguns Velhos usando a máscara do nariz de palhaço vermelho, de borracha ou plástico.

O mais tradicional é o uso de uma base branca no rosto, acrescentado de círculos vermelhos nas bochechas e na boca, geralmente um círculo branco. Sua indumentária é sempre muito colorida, ora utilizando ou re-aproveitando roupas e transformando-as em uma composição visual, quase sempre

assumidamente inspirada no palhaço de circo tradicional, onde se tem presente a desproporção, motivo este já como um elemento risível à platéia. Alguns modelos se valem de tecidos brilhosos, cetins, também muito usados em espetáculos circenses, geralmente compostos por: sapatos, meias, calça, cueca samba-canção que aparece em alguns momentos mais picantes ou cômicos, partindo de eventuais quedas; camisa, gravatas dos mais diversos modelos, luvas, *blazer* ou coletes, suspensório e, às vezes, perucas ou chapéu.

A indumentária também não deixa de ser um elemento erótico. Na época em que as madames e donzelas não podiam usar uma saia acima dos joelhos, as pastoras traziam pequeninas saias que deixavam à mostra as calcinhas, hoje conhecidas como "Bundas-ricas". A ousadia das pastoras também alcançava os seios, que teimavam em ficar quase todo de fora do pequeno colete colorido. No arremate do cravo das pastoras, nota-se outro elemento erótico do pastoril. Cada pastora podia pôr o seu "cravo", sua "flor" em leilão, arrebanhava o cravo da pastora quem pagasse mais. O vencedor recebia um cumprimento da pastora, um beijo e um abraço e, quem sabe, a aceitação de um convite de um encontro posterior

(MELLO e PEREIRA, 1990 p.30)

As semelhanças com o circo estão presentes também no campo da interpretação, que é baseada na improvisação como traços marcantes como nos palhaços que se servem de base de roteiros básicos, gerais e esquemáticos modificados a cada apresentação ou interação com seu público. O brincante, que faz o papel ou figura do velho, conta basicamente com seu corpo: repertório de gestos e ações, nuances da voz, intenções em sons, ruídos, pausas e principalmente em expressões faciais para atingir a sua comunicação.

As letras das canções, na sua maioria, já são conhecidas pela audiência e sempre são acrescidas de novos e apimentados comentários e metáforas atuais, aludindo sempre ao mundo picante das falhas humanas, dos desejos, das mazelas e principalmente da correção social. O Velho, assim como o palhaço na improvisação tocam

(...) no eixo central do espetáculo circense. Irreverente, sem compromisso com nada nem com ninguém, qualquer coisa pode ser alvo de suas tiradas corrosivas. Família, autoridade, religião, moral, doença, convenções sociais - nada escapa ao gesto ou palavra do palhaço, representante de uma comicidade que desmistifica o caráter absoluto e intocável dessas instituições e valores (...)

(MAGNANI, 1984, p. 112)

Estas semelhanças se estendem a outros aspectos como o uso de objetos/adereços. Talvez o objeto mais usado por todos os velhos seja mesmo uma bengala de madeira, conhecida também como "macaxeira" ou "mandioca", ela é a representação simbólica do membro viril masculino e usada sempre com este fim de provocar risos, aludindo à sexualidade e atos obscenos.

O Velho do Pastoril assume, muitas vezes ainda, um misto de proprietário, diretor, artístico, organizador e responsável pelo ensaio do Pastoril. É tido como uma espécie de pai, de amante, de protetor e chefe.

A presença das mulheres ganhou lugar de destaque. Ela adquire uma certa independência numa época que ainda restringia seus direitos, e no Pastoril Profano sua presença é fundamental, ora como dançarina, *partner* ou fazendo números acrobáticos ou como acompanhantes do Velho, nos cantos, ou mesmo nos momentos em que seu corpo é exibido de forma erótica através de seus gracejos, vestimentas e danças. A personagem Diana sempre faz a parte séria e corretora, ela é quem, às vezes, põe ordem na apresentação, limita até um pouco as ações dos Velhos que são mais atrevidos, semelhantes no circo com a relação de *clown*-Branco e Augusto, é o velho que erra, que conhece pouco, não sabe falar direito, suas atitudes e desejos são mais impulsivos e inconseqüentes, sempre mediados pela autoridade da Diana.

Bibliografia

- BAKHTIN**, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BOLOGNESI**, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MELLO**, Luiz Gonzaga de, **PEREIRA**, Alba Regina Mendonça. *O Pastoril Profano de Pernambuco*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.
- MAGNANI**, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.